

Mensagem Encontrada em Uma Tumba Violada

Daniel Cavalcante

RABISCO ESTAS LINHAS nas paredes de concreto com a ponta de um Rosso – de um de *meus* ossos. Não sei de onde tirei forças para isto, dada a minha situação. Não espero que acreditem nestas palavras, entendam o que ocorreu, sequer acredito que um dia as encontrem. Só desejo que esta tarefa impeça que a loucura me abata antes que os portais da morte finalmente se abram para mim.

Descendo de uma família de nobres decadentes, cuja única herança consiste em um nome imponente – o qual não devo revelar –, uma fama ingrata e uma enorme dívida para com o governo. Durante toda minha boêmia vida, não foram muitos os fatos surpreendentes que ocorreram, em verdade, pelo contrario. Durante toda a vida, meus dias foram extremamente monótonos, cheios de tédio, rancor e bebedeiras. Não que eu não procurasse por algo que me motiva, pelo contrario, girei o mundo à procura da razão de minha existência, o motivo para ter nascido. Mas todas as minhas tentativas e todas as minhas experiências resultaram em decepções e o que restou sempre foi o tédio, a solidão e a sensação de vazio. Amores mundanos, apostas e disputas irracionais são apenas alguns dos termos que eu poderia relacionar à minha inútil existência sobre a face deste planeta que urge através de eras, testemunhando a humanidade destruindo-se a si própria. Mas não divirjamos a demagogias e temas sociais. Deixemos isto para os mais vivos do que eu.

Durante minha vida medíocre, estive em vários lugares, tais como Paris, Veneza, Roma e outras maravilhas do mundo. Sou um leitor assíduo dos romancistas que abordam a morte de maneira poética. Encontrava na leitura, na verdade, a única maneira de me afastar da mediocridade de minha passagem na Terra, de fugir à realidade em um mundo de poesia, fantasia, do imaginário que se tornava real. Passava horas, por vezes dias sem dormir, lendo livros de poesias e passava outras horas e dias sem dormir viajando pelos lugares onde os versos me levavam. Um homem patético como eu só ali poderia encontrar um motivo para continuar sua busca a algo que dê razão à sua existência. Jamais concluí uma universidade, porém, encontrei nos livros

de minha biblioteca pessoal conhecimento jamais sonhado por nenhum mestrando ou doutorando no mundo. Minha fixação pela leitura se tornou tão aguda que, não raro, percorri o mundo em busca de edições raras de livros antiqüíssimos e esquecidos pela humanidade, que muitas vezes me custaram fortunas. O patrimônio tão mencionado de minha família era apenas um boato, porém, meu patrimônio literário poderia ser estimado em milhões.

Retornei para a escuridão sombria de minha mansão após seis meses de viagem em busca das primeiras edições das obras de Radcliffe.

Eu habitava em um luxuoso e antigo palácio, apenas eu e Megan, a única empregada que permaneceu servindo à minha casa após a repentina queda de minha família. Minha biblioteca ficava em um salão escuro e tão tenebroso que Megan jamais se atreveu a entrar ali. No centro, havia uma mesa, uma poltrona confortável o suficiente para passar horas a fio, confortavelmente; atrás havia uma enorme janela de quatro metros de altura, sempre coberta por uma cortina vermelho-desbotado, tão antiga quanto o palácio.

A janela ficava exatamente à frente da porta pesada de madeira reforçada à aço. Eu nunca vira aquela cortina aberta, e duvido que os objetos suportariam a luz do sol se alguém porventura a abrisse. O teto do salão ficava a cerca de seis metros do chão. As estantes de livros formavam paredes, que faziam o salão parecer pequeno, ao entrar. Ao longo de todo o comprimento, da porta à janela, haviam duas estantes à direita e duas estantes à esquerda, ambas formando falsas paredes laterais. Mas bastava entrar por entre as estantes que estavam lado a lado para ver uma enorme quantidade de estantes enfileiradas, como uma gigantesca biblioteca. As estantes possuíam cinco metros de altura e dez de largura, e haviam no total oitenta estantes, abarrotadas de livros. Não sei dizer se antes cheguei a ler todos os livros que jaziam ali, pois haviam coleções que pertenceram a antepassados que sequer eu conhecera, livros que não me interessavam ou que estavam demasiado velhos para leitura.

Coloquei minhas novas aquisições de Anne Ward Radcliffe sobre a mesa, sentei-me à poltrona e comecei a ler a primeira delas.

Não posso dizer quanto tempo eu fiquei ali. Era impossível saber, uma vez que, naquele lugar, o tempo e a luz do sol não existiam. A realidade se tornava outra, minha existência vagava por mundos metafóricos ignorados pelo meu entendimento, minha consciência se perdia, eu não dominava meus atos. Apenas lia.

Eu li todos os cinco novos livros, e perambulei pela biblioteca à procura de algo que eu ainda não havia lido. Lembro-me de poucas coisas, a partir de então. Lembro-me de que a biblioteca parecia cada vez maior, e as prateleiras pareciam aumentar e se multiplicar. Livros que eu jamais havia visto apareciam. Eu lia todos. Minhas lembranças daqueles momentos são muito vagas, confundindo-se às fantasias provenientes da leitura. Por vezes, certo conto ou romance apareciam à minha frente, como um filme ou como fosse eu o próprio narrador a presenciar e anotar os fatos. Outras, vilões, monstros e assassinos dos contos de horror ou fantasia apareciam diante de mim, investindo seus golpes e matando-me.

A quanto tempo eu estaria ali, sem me alimentar, a garganta implorando por água, os olhos procurando a luz do sol, os músculos atrofiando-se, sem dormir? Dias? Semanas? Meses? Eu já havia passado dias, e nenhuma vez sequer tais resultados foram tão intensos. Não, seria impossível passar tanto tempo sem dormir. Obviamente tais ilusões sobre as ficções são lembranças dos sonhos. Mas por que pareciam tão reais? Por que algumas vezes eu apresentava em meu corpo cicatrizes de aventuras pelo sobrenatural mundo da ficção? E por que eu não me recordava da sensação de sonolência, que sempre alerta o indivíduo a hora de descansar, com o pesar e irritar dos olhos, as dores de cabeça? Eu não me lembro de nenhum dos sintomas do sono. Talvez porque meu sono era tão pesado que simplesmente vinha e me tomava em seu mundo fantástico, no qual me perdia em devaneios, misturando-os à realidade.

Percorri novamente os corredores que as estantes formavam. Eu poderia jurar, se o juramento de um homem à beira da insanidade tem algum valor, que agora havia o dobro delas. O dobro de prateleiras. Livros que eu nunca havia visto antes, obras que até então eu julgava estarem eternamente perdidas entre as cinzas da biblioteca de Alexandria, pergaminhos tão antigos quanto o tempo, línguas que eu nunca havia estudado, mas agora podia compreender perfeitamente bem.

O salão se tornava, com o passar do tempo, uma espécie de calabouço, uma construção como as da antigüidade, as paredes que outrora foram de concreto, agora eram pedras cinzentas e escorregadias devido ao lodo. A umidade impregnava o ar, tornando-o de difícil respiração. O ambiente tornava-se brumoso, e um calafrio me possuía o corpo sempre que eu abandonava a leitura para admirar a nova decoração. A poltrona parecia mais desconfortável mas, ao deitar-me nela, parecia ser a mesma poltrona de sempre. A mesa desaparecera. O chão começou a tornar-se cada vez mais viscoso e úmido, de modo que precisei tirar os sapatos para não escorregar ao andar pelas prateleiras.

Confuso, e procurando não compreender o que se passava, eu lia cada vez mais. A idéia de correr, abrir as cortinas e a porta, fugir daquele lugar me passou pela cabeça, mas uma forte onda de enxaqueca bloqueou meus pensamentos, de modo que voltei a concentrar-me na leitura, o que sempre me fazia sentir-me bem.

Após mais um livro, notei que a porta não mais existia. Vi, e lembro-me disto muito bem, enormes gárgulas, morcegos ao teto, esfinges, dragões, monstros de toda a espécie, animais pré-históricos. Olhei para o teto para contemplar o habitat dos morcegos e qual foi a minha surpresa ao notar que o brasão de minha família se transformara em uma nova imagem: um pêndulo, como os de um relógio, em formato de meia lua. Era como se a cada livro que eu lesse, algum elemento, como monstro, personagem ou objeto se materializasse, se tornasse real, ali ao meu redor.

Tranqüilamente, como se eu habitasse ali durante toda a minha vida, em meio aos monstros e criaturas de histórias de terror, caminhava pela biblioteca à procura de novos livros. Andava quilômetros, e voltava com dúzias deles.

Por entre as prateleiras quase apodrecidas, encontrei-me varias vezes com antepassados, à muito mortos. Minha mãe, sentada ao chão com as pernas para o lado, chorava com uma criança morta no colo. Minha tataravó, mais à frente, era estrangulada por seu marido. A imagem de uma antepassada do século dezessete apareceu diversas vezes. Era uma jovem linda, de rosto iluminado por magia, olhos azuis que brilhavam como purpurina, lábios vivos e sedutores, cabelos de seda e mãos de pianista. Seu pescoço era cortado com uma espada por um homem cuja identidade eu ignoro, seu sangue banhava todo o lugar, caía de joelhos, olhando para mim, esticando os braços com as mãos abertas, me pedindo socorro com os lábios, sem emitir som algum. Caía sobre o próprio sangue, agonizava, definhava e apodrecia.

A escuridão se apossava do lugar, não a escuridão de outrora resultado das cortinas fechadas que escondiam os livros do sol, mas uma escuridão maligna, sombria e soturna. Uma escuridão que não me permitia mais enxergar as paredes, o chão ou o teto. No entanto, eu continuava enxergando as estantes e os livros, como que por mágica. E as alucinações pareciam projeções de uma sala de cinema, tal era sua iluminação naquela escuridão total.

Eu precisava andar com cautela, pois não via o chão sob meus pés e sempre havia pedras sobressaltadas que me faziam tropeçar. As estantes, que pareciam emitir luz própria, também pareciam não ter mais fim. Estavam até onde minha vista alcançavam.

De certa forma, eu estava satisfeito. Havia livros como nunca vira em toda minha vida, e nunca mais precisaria ir a outros lugares procurá-los, gastar fortunas e tempo. Estavam todos ali. Toda a obra literária da humanidade, desde os manuscritos bíblicos às obras mais recentes de Stephen King. Eles vieram até mim, e eu devia agradecer por esta mágica, milagre, ou seja lá o que for a mim concedido.

Eu li de tudo que me foi possível, conheci todos os segredos matemáticos, históricos, bíblicos, descobri o segredo das civilizações avançadas como Egito, Atlantis, Incas e Maias.

O ar tornava-se cada vez mais rarefeito. A sede me assolava quando eu não estava lendo, a fome devorava o meu ser, minhas pernas não agüentavam meu peso, e caí em meios as prateleiras. Minha respiração ofegante tornava-se agora uma súplica por ar, com grunhidos de protesto. Minhas mãos dormentes recusavam-se a apoiar meu corpo ao tentar me levantar, minhas pernas não respondiam ao meu comando. A bela antepassada do século dezessete, com o pescoço cortado e pálida, sem a coloração sangüínea, veio até a mim, caído e definhando, com um livro à mão. Estendeu-a e me entregou a peça grega, e me pus a ler, nada mais tendo a fazer antes de minha morte certa. Ao decorrer da leitura, como sempre, minha consciência se extinguia e eu não sabia se minha respiração se normalizara, se meu corpo se revigorara. Por certo sim, pois com mãos desobedientes eu jamais poderia folhear as páginas do livro.

Tudo isto narrado até aqui é apenas uma porcentagem de tudo que aconteceu naquele antro de loucura e devaneios. Como disse, não posso me recordar de quase nada.

Após ler certo ensaio romano sobre a política e a constituição que se tornaria universal, minhas forças se esgotaram em um último movimento de fechar e colocar o livro no chão. Eu era um defunto vivo, relutando em sua própria tumba. A pálida antepassada do século dezessete não veio me entregar nenhum livro. Nada me restava a fazer senão esperar a morte chegar. Dediquei o que sobrara da minha faculdade de raciocínio para compreender o que se passara e, após algum tempo, com horror supus que a cada livro que eu lera, meu corpo envelhecera décadas. Súbito, a escuridão demoníaca desapareceu. Os monstros, fantasmas, morcegos sumiram, como se nunca ali estivessem repousado. O brasão da família no teto era o mesmo de séculos atrás. As prateleiras de livros mediam cinco metros de altura e dez de largura, e pareciam ser poucas e limitadas estantes. Eu estava deitado á poltrona, a mesa em minha frente. As paredes e o chão eram concreto novamente. Me senti como se despertasse de um eterno pesadelo.

A porta estava ali novamente. E estava se abrindo, vagarosamente. Minha visão turva não permitiu que eu visse a pessoa que entrou, mas reconheci a voz da empregada que dizia:

- Patrão, o Senhor está bem? Lhe chamei várias vezes e não obtive resposta, mas não tinha coragem de entrar. Está aí dentro há tanto tempo que pensei que estivesse...

Sua voz sumiu por um instante. Tentei perguntar-lhe o qual era o problema, mas minha voz emitiu apenas um ruído doloroso. Logo, meus tímpanos estremeceram-se ao grito histérico e agudo da mulher em pânico, que deixou algo cair e quebrar. Procurei imaginar o que a teria assustado tanto. O lugar parecia perfeito como sempre, o que significava que apenas uma coisa poderia não estar certa. Baixei os olhos, que já se acostumavam à claridade, e olhei minhas mãos que jaziam sobre os braços da poltrona. Não estava bem certo se minha visão estava pior do que imaginei, ou se enlouquecera. Dois braços putrefatos, cinzentos e ossudos repousavam dentro de minha blusa impregnada de bolor. As unhas eram pretas e estavam descolando-se da pele – ou o que sobrara dela. Ergui, com esforço, os braços apodrecidos e olhei as palmas da minha mão, aproximando-as dos meus olhos. O fedor de carniça invadiu-me as narinas, mas ignorei. Coloquei as mãos em meu rosto, e senti apenas uma caveira putrefata, com os olhos quase deslocando-se das órbitas; o nariz era apenas um buraco, os lábios não existiam mais, apenas os dentes sobressaltados e enormes. Os cabelos eram poucos e soltavam-se entre meus dedos. Com tanto horror, tardei perceber os insetos e vermes que passeavam pelo meu corpo, aguardando o último suspiro para devorá-lo por completo e devolver-me ao pó.

A empregada virou-se para correr, mas escorregou em algo, provavelmente um líquido que continha no objeto que deixara cair anteriormente, bateu com a cabeça no dorso da porta aberta e ali ficou, caída, sem pronunciar o menor som.

Tentei levantar-me, mas caí da poltrona. Arrastei-me até a cortina vermelha encardida e desbotada e puxei a corda que a fez abrir. Uma luz descomunal invadiu todo o lugar. Talvez fosse uma luz de outro mundo, uma luz sobrenatural. Ou talvez fosse apenas a luz do sol, que sempre esteve ali fora, todos os dias, que torturou meus olhos que há muito não o via. Minhas mãos começaram a desmanchar, como uma escultura de gelo exposta ao calor de uma fornalha; mas não completamente. Meus olhos não mais enxergaram, e caí, sem nada poder fazer, a não ser esperar a morte consumir minha existência.

Aqui, na tumba de algum cemitério, fui sepultado, sem nada poder fazer para impedir ou mostrar a eles. Não pude me mover, não pude sequer abrir os olhos. Nada pude fazer para mostrar-lhes que... Estou vivo!

Por Deus, estou VIVO!!!